



O RECONHECIMENTO NA ESFERA DO AMOR: PARA UMA DISCUSSÃO SOBRE OS PARADOXOS DA TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE *

Recognition in the sphere of love: for a discussion on the paradoxes of the transformation of intimacy

Patrícia Mattos **

Resumo: A proposta deste texto é discutir as especificidades do reconhecimento na esfera do amor, estabelecendo um diálogo crítico entre Axel Honneth e Eva Illouz. Honneth é, sem dúvida, um autor central para a reflexão teórica sobre o reconhecimento. Illouz, por sua vez, analisa empiricamente as transformações na estrutura do reconhecimento na esfera do amor e os efeitos do não-reconhecimento ou do reconhecimento precário e limitado nessa esfera. Travando um diálogo crítico entre os autores sobre o reconhecimento em torno do amor será possível discutir os paradoxos da transformação da intimidade e mostrar o alcance e os limites da reconstrução normativa das relações íntimas proposta por Honneth.

Palavras-chave: Reconhecimento. Amor. Reconstrução normativa. Axel Honneth e Eva Illouz.

* Uma primeira versão deste texto foi apresentada em 29/10/2015 no Colóquio “Ética e Reconhecimento”, organizado pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE/BH). Agradeço muitíssimo os comentários feitos por Elton Vitoriano Ribeiro, Denilson Luis Werle e Carlos Roberto Drawin que me ajudaram a avançar na minha reflexão. Aproveito também para agradecer ao CNPq pelo financiamento da pesquisa “Os fios que ligam sentimento e capitalismo na esfera íntima” que me permitiu, dentre outras coisas, um estudo aprofundado dos trabalhos de Eva Illouz. O artigo foi aprovado para publicação no dia 14/04/2016.

** Professora do Departamento de Ciências Sociais (DECIS), da Universidade Federal de São João del-Rei.

Abstract: This text discusses the specificities of recognition of love, through a critical dialogue between Axel Honneth and Eva Illouz. Honneth is a central reference for the theoretical reflection on recognition and Illouz empirically analyses the changes in the structure of the recognition of love and the effects of its non-recognition or limited recognition. This paper presents a critical dialogue between both authors on the subject above, discusses the paradoxes of the transformations of intimacy, and shows the scopes and limitations of the normative reconstruction of the intimate relations proposed by Honneth.

Keywords: Recognition. Love. Normative reconstruction. Axel Honneth and Eva Illouz.

A proposta deste texto é discutir as especificidades do reconhecimento na esfera do amor e os paradoxos da transformação da intimidade, estabelecendo um diálogo crítico entre Axel Honneth e Eva Illouz. Honneth é um autor bastante conhecido no debate acadêmico internacional por ter proposto, com seu conceito de reconhecimento social, uma renovação do pensamento da teoria crítica. Sua teoria do reconhecimento, desde a publicação de seu livro *Luta por reconhecimento*, publicado em alemão em 1992, tem suscitado importantes discussões sobre seu alcance explicativo e seus limites para a renovação do paradigma crítico na filosofia, na ciência política e na sociologia¹.

A socióloga franco-israelense Eva Illouz, por sua vez, ficou conhecida pelos seus estudos sobre o amor nos tempos do capitalismo. Em seu livro *Consuming the romantic utopia* (1997), que recebeu o prêmio da Associação Americana de Sociologia, Illouz faz uma pesquisa histórico-empírica sobre as transformações na utopia romântica do século XIX para o século XX, questionando o diagnóstico feito pelos teóricos críticos² que afirmavam, cada um a seu modo, que a oferta, o consumo de rituais românticos e as práticas culturais do romance constituiriam um exemplo nítido de patologias sociais na modernidade. Em vez da pressuposição normativa dos

¹ Ver especialmente os livros de Nancy Fraser e Axel Honneth (2003) e Bert Van den Brink e David Owen (2007). Miriam Mesquita Sampaio de Madureira apresenta, na introdução do livro *Crítica del agravio moral* (2009), uma ótima síntese das principais críticas recebidas pela teoria do reconhecimento de Honneth e das respostas dadas pelo autor a elas.

² Theodor Adorno (2008), Herbert Marcuse (1999) e Erich Fromm (2006). Sérgio Costa (2005) põe em debate os argumentos dos teóricos críticos que buscam sublinhar a necessidade de manter as relações amorosas protegidas da lógica do mercado. Costa faz uma crítica a Illouz por ela ter restringido sua análise da utopia romântica essencialmente às práticas de consumo dos rituais românticos, não considerando adequadamente os sentidos construídos e atribuídos pelos próprios amantes à interação amorosa. Ainda que eu discorde da crítica feita por Costa a Illouz, por achar que Costa idealiza as interações amorosas, o texto do autor apresenta uma discussão conceitual interessante sobre as dimensões do amor romântico.

teóricos críticos de que a lógica do mercado é nefasta para as interações amorosas, a autora sugere que sejam analisados os contextos nos quais se desenrola essa relação entre amor e capitalismo.

Ao contrário dos teóricos críticos, Illouz (1997) defende que amor e capitalismo não são contraditórios e excludentes, mas, sim, complementares nas sociedades complexas contemporâneas. O consumo de rituais românticos constitui um dos pilares da utopia romântica na modernidade tardia, possibilitando que se estabeleçam interfaces e tensões entre amor e mercado. Essa inter-relação entre amor e mercado pode, inclusive, revigorar ambos. Illouz salienta que os bens e serviços do mercado podem tanto solapar, como diagnosticaram os teóricos críticos, quanto reforçar os laços de amor. Daí a autora advogar a necessidade de realização de pesquisas empíricas para investigar, de forma acurada, os fios que ligam mercado e sentimento.

Mais recentemente, o olhar de Illouz se volta para a discussão sobre as causas sociais dos sofrimentos amorosos. Em *Why love hurts* (2012), a autora vai propor uma explicação sociológica instigante para analisar as dores de amor na modernidade tardia, afirmando que há uma dominação emocional masculina no mercado afetivo-sexual que não foi adequadamente percebida pelo feminismo. Illouz argumenta que as mudanças nos vínculos e laços afetivos na modernidade estão intimamente relacionadas à modificação na estrutura do reconhecimento. Sua tese é que o reconhecimento na esfera do amor passa a desempenhar na modernidade um papel fundamental na percepção dos indivíduos sobre seu valor social que não tinha na pré-modernidade e na era vitoriana. Por causa da revolução sexual, das inovações tecnológicas (o surgimento das redes sociais, dos sites de relacionamento e do aplicativo Tinder), e do enfraquecimento da endogamia de classe, houve uma mudança significativa nos critérios de escolha dos(as) parceiros(as) afetivos e nas interações amorosas. A tese da autora é que a estrutura do reconhecimento é transformada nas relações românticas na modernidade tardia.

Travando um diálogo crítico entre Honneth e Illouz sobre o reconhecimento em torno do amor, procuro mostrar as interfaces e diferenças em suas abordagens com o propósito de fazer uma discussão sobre os paradoxos da transformação da intimidade. Honneth faz um uso mais amplo e profundo que Illouz do conceito de reconhecimento. Enquanto Illouz analisa empiricamente as transformações na estrutura do reconhecimento e os efeitos do não-reconhecimento ou do reconhecimento precário e limitado na esfera do amor, Honneth reflete teoricamente sobre o reconhecimento. O texto busca primeiro abordar os pressupostos da teoria do reconhecimento de Honneth. Em seguida, apresenta os pontos essenciais da reconstrução histórico-normativa das relações íntimas e da mudança na estrutura do reconhecimento na esfera do amor, de acordo com Honneth e Illouz, para

finalmente debater os paradoxos da transformação da intimidade, analisando o alcance explicativo e os limites da reconstrução normativa das relações íntimas proposta por Honneth.

Pressupostos da teoria do reconhecimento de Honneth

A renovação da teoria crítica levada a cabo por Honneth tem como motivação a superação do déficit sociológico identificado por ele nas abordagens da tradição frankfurtiana clássica, representada por Theodor Adorno e Max Horkheimer, e as vertentes da teoria crítica contemporânea em Michel Foucault e Jürgen Habermas. Em seu livro *Crítica do poder*, publicado em alemão em 1989, Honneth identificou que, a despeito das diferenças existentes entre essas abordagens, é possível reconhecer algo em comum a todas elas: a não tematização adequada da dinâmica dos conflitos sociais. Em função desse déficit sociológico, a teoria crítica não teria cumprido o seu objetivo, qual seja, apontar as possibilidades de emancipação social, os obstáculos e patologias sociais que impedem a sua realização.

Com esse diagnóstico, Honneth, em seu livro *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (2003), apresenta as bases de uma teoria crítica alternativa. O conceito-chave desse empreendimento teórico de Honneth é o reconhecimento social. Desde a publicação desse livro, Honneth vem recebendo críticas que o levaram a repensar e aprimorar certos aspectos de sua teoria³. Uma reformulação importante feita por Honneth foi a constatação de que Hegel em *Filosofia do direito* (1997) não teria abandonado sua teoria do reconhecimento desenvolvida em seus trabalhos de juventude (escritos de Jena). Honneth reformulou sua tese desenvolvida em *Luta por reconhecimento* de que só os trabalhos de juventude de Hegel continham elementos coerentes para refletir sobre as condições normativas de eticidade nas sociedades modernas. Ele percebeu que na *Filosofia do direito*, Hegel oferece um arsenal teórico significativo para formular os pressupostos de uma teoria da justiça, lançando novas luzes sobre sua teoria do reconhecimento. Com o objetivo de tornar mais clara sua própria concepção de justiça e de moral, Honneth apoia sua teoria do reconhecimento em *Direito da liberdade* (2015) na obra do “velho” Hegel.

Inspirado nos trabalhos de juventude de Hegel, no livro *Luta por reconhecimento* Honneth percebe a luta por respeito e reconhecimento intersubjetivo como motor último dos conflitos sociais e se propõe a abri-la a uma investigação empírica, destituindo-a de sua ganga metafísica. Hegel havia

³ O debate entre Nancy Fraser e Axel Honneth (2003) chamou bastante atenção para a questão do sentido de uma teoria da justiça baseada na noção de reconhecimento. Sobre esse debate, ver também Patrícia Mattos (2004).

deixado claro que a formação do Eu prático enquanto indivíduo autônomo só é possível porque está relacionada a um contexto intersubjetivo que valoriza e reconhece a autonomia como uma das características centrais do bem-viver. Autonomia e liberdade individuais pressupõem, portanto, um contexto social prévio que lhes dê sentido e materialidade. Seguindo Hegel, Honneth define “eticidade como sendo o conjunto de relações intersubjetivas que funcionam como condições normativas necessárias à autodeterminação e à auto-realização” (WERLE, 2008, p. 56). O conceito de eticidade formal de Honneth está atrelado à concepção formal de boa vida que já está inserida parcialmente nas práticas e instituições modernas. Em outras palavras, a vida digna de ser vivida é aquela na qual se possa garantir as condições necessárias para o reconhecimento efetivo e pleno dos indivíduos.

Para Hegel, existem distintas formas de reconhecimento que se distinguem pelo grau de autonomia que o sujeito possui, sendo, portanto, a liberdade individual constituída em diferentes esferas sociais interligadas. Baseado no conceito intersubjetivista de liberdade individual hegeliano, em *Luta por reconhecimento*, Honneth formulou sua teoria do reconhecimento, salientando que a autodeterminação e a autorrealização individuais dependiam do reconhecimento intersubjetivo nas três dimensões fundamentais da vida individual e coletiva: a dimensão do amor e da amizade baseada no reconhecimento de necessidades e desejos individuais que dizem respeito à esfera afetiva, correspondente à constituição da autoconfiança individual; a dimensão do direito (esfera jurídico-moral) na qual o indivíduo é reconhecido como pessoa autônoma e moralmente imputável, associada à constituição do autorrespeito individual; a dimensão da solidariedade social (esfera da estima social) que se refere a uma pluralidade de valores intersubjetivamente compartilhados, na qual os indivíduos buscam o reconhecimento de seu projeto de autorrealização individual. É o reconhecimento em cada uma dessas dimensões que permite que o indivíduo desenvolva uma autorrelação positiva consigo mesmo, quer dizer, desenvolva autoconfiança, autorrespeito e autoestima. A constituição de uma identidade livre é dependente do reconhecimento recíproco nas três dimensões.

Toda a dinâmica da luta por reconhecimento, de acordo com Honneth, é pensada a partir do não-reconhecimento de determinadas pretensões de autonomia. O foco da teoria de Honneth são as experiências de não-reconhecimento que mostram que foram violados consensos intersubjetivos. Essa violação de consensos gera formas de desrespeito social que motivam os conflitos sociais e políticos. Em *Luta por reconhecimento*, a passagem das sociedades pré-modernas para as modernas é explicada por Honneth a partir das mudanças na estrutura do reconhecimento nessas três esferas de ação⁴.

⁴ Para uma exposição mais detalhada sobre o tema, cf. também Patrícia Mattos (2006).

Os aprendizados morais envolvidos na institucionalização do ideal romântico, dos direitos subjetivos e da pluralização dos estilos de vida na modernidade são analisados por Honneth como lutas por reconhecimento baseadas numa dialética existente no centro da vida moderna. Por um lado, uma busca individual e grupal por diversas formas de realização, que pleiteiam a ampliação de um pluralismo valorativo, permitindo o desenvolvimento individual e grupal de diferentes concepções de boa vida; por outro, um horizonte moral intersubjetivamente reconhecido que estabelece padrões generalizados e dominantes de reconhecimento. A luta de grupos excluídos do reconhecimento é mostrar que esses padrões generalizados e dominantes perpetuam relações de não-reconhecimento à luz de um ponto de vista moral para grupos e indivíduos, cujas necessidades ainda não são reconhecidas. Com o aprofundamento da dialética do reconhecimento, portanto, podem ser ampliados e reformulados os padrões generalizados e reconhecidos até então.

Utilizando o “velho” Hegel, em *Direito da liberdade* Honneth apresenta uma “ontologia social” da liberdade individual. Sua tese é que as esferas sociais responsáveis pela reprodução social nas sociedades complexas têm como objetivo a realização de um aspecto específico da liberdade individual. Honneth entende, alinhando-se a Hegel, que os “valores vigentes nas sociedades liberal-democráticas fundem-se em um único valor – a liberdade” (Honneth, 2015, p.10). Para isso, o autor mostra como é instituído o princípio da liberdade individual em cada uma das esferas sociais através da dinâmica social do reconhecimento, do desrespeito social e da luta por reconhecimento. Além de Hegel, Honneth recorre também a Émile Durkheim e Talcott Parsons para aprimorar o conceito intersubjetivista de liberdade individual hegeliano e fazer sua reconstrução histórico-normativa. Nela, Honneth procura mostrar as relações de reconhecimento recíproco presentes nas esferas sociais que permitiram colocar a liberdade individual, pensada como autodeterminação e autorrealização, no centro da noção moderna de bem-viver. Com isso, ele pretende identificar os obstáculos e patologias sociais que podem dificultar ou impedir o exercício pleno das liberdades individuais nas diferentes esferas sociais. É o reconhecimento mútuo em cada esfera de ação social que possibilita a realização de um aspecto específico da liberdade individual.

Sua teoria da justiça tem por objetivo a análise das condições intersubjetivas para a realização de diferentes aspectos da liberdade individual. A noção moderna de justiça, segundo Honneth, baseia-se em inúmeros “pontos de vista”, uma vez que cada esfera social tem a promessa de realizar um aspecto particular da liberdade individual. Por isso, Honneth advoga ser mais adequado pensar em padrões de justiça a partir de uma reconstrução histórico-normativa da liberdade individual em cada esfera social, analisando as instituições e práticas à medida que se mostram

importantes para a realização de distintas dimensões dessa liberdade. Isso permitiria, segundo ele, detectar as patologias sociais que impedem sua realização plena nas diferentes esferas. Dessa forma, sua teoria da justiça, diferentemente das abordagens da filosofia política normativa contemporânea, não ignoraria as experiências de injustiça relacionadas às patologias sociais. Honneth percebe que as “patologias sociais surgem apenas quando alguns ou todos os membros da sociedade se equivocam sistematicamente quanto ao significado racional de uma forma de prática institucionalizada em sua sociedade” (HONNETH, 2015, p. 208). Não é meu interesse aqui debater os pressupostos da teoria da justiça de Honneth⁵, mas apresentar o sentido da reconstrução normativa para analisar a transformação da intimidade.

Em *Direito da liberdade*, Honneth renomeia as esferas de ação social: esfera pessoal, envolvendo as relações de amizade, romance e família; esfera da economia de mercado e esfera da formação da vontade democrática. Enquanto em *Luta por reconhecimento*, Honneth salientou a existência de aprendizados morais, especialmente nas dimensões do direito e da solidariedade, em *Direito da liberdade* seu olhar se volta para a reconstrução dos ideais normativos em cada uma das esferas com o objetivo de identificar até que ponto “as instituições e práticas éticas deixam de representar, de maneira suficientemente abrangente ou complexa, os valores gerais que elas incorporaram” (HONNETH, 2015, p. 32).

A reconstrução histórico-normativa das relações íntimas e a mudança na estrutura do reconhecimento

Em *Luta por reconhecimento*, Honneth descreve a importância do reconhecimento na dimensão do amor para a constituição da autoconfiança individual. Sua intenção é mostrar que a sensação de saber-se amado(a) e aceito(a) em suas necessidades, desejos e carências dada pela interação amorosa é um elemento fundamental no processo de individualização. Mesmo que o reconhecimento na dimensão do amor envolva as relações de amizade, romance e família, nesse livro Honneth concentra sua atenção nas relações familiares, tratando de forma abstrata das interações românticas e de amizade. Com os estudos da psicologia social de George Herbert Mead e da psicanálise de Donald Winnicott, Honneth busca mostrar empiricamente como a constituição da identidade pessoal está atrelada à experiência do

⁵ No Colóquio “Ética e Reconhecimento”, Denilson Luis Werle apresentou uma interessante discussão sobre a teoria da justiça de Honneth.

reconhecimento intersubjetivo. Aqui ele oferece uma concepção de agência humana fundada numa antropologia filosófica⁶.

Seguindo Hegel, Honneth concebe a relação amorosa como a primeira dimensão do reconhecimento mútuo na qual os indivíduos se veem, pela primeira vez, confirmados em seus desejos, necessidades, inseguranças e carências pelo outro, sendo, portanto, dependentes do outro. Ao ser reconhecido em suas necessidades e desejos, o sujeito pode acionar novas dimensões do seu ser que demandarão novas formas de reconhecimento. Por isso, o processo de reconhecimento nunca se esgota e se dirige a diferentes esferas sociais. Uma boa relação afetiva depende do equilíbrio entre autonomia e dependência dos sujeitos envolvidos. Amar implica ao mesmo tempo o reconhecimento da autonomia do outro e de si mesmo, e pressupõe o reconhecimento da dependência que cada um tem do outro.

Referindo-se aos estudos da psicanálise feitos por Winnicott sobre o processo de separação do filho em relação à mãe que se inicia nos primeiros meses de vida, Honneth busca desvelar a estrutura comunicativa que está na base do reconhecimento mútuo na dimensão do amor. Seu intuito é explicar como ocorre empiricamente essa relação entre autonomia e dependência nas relações primárias bem-sucedidas, que está presente, de forma distinta, também na dinâmica do reconhecimento nas outras esferas sociais.

Honneth foi criticado por Iris Young (2007) por não ter discutido as formas ideológicas de reconhecimento na esfera do amor. Young afirmou que, embora Honneth não pudesse ser acusado de defender a ideia de complementariedade entre os gêneros como pensada por Hegel e Rousseau, que naturaliza a essencialização dos gêneros e a divisão tradicional de domínios público e privado entre homens e mulheres, ele não teria dado uma explicação adequada sobre a relação de dependência e autonomia entre os gêneros na dimensão do amor. Dito de outra forma, Honneth não apresentou uma alternativa à noção de complementariedade na qual à mulher caberia o reconhecimento de seu parceiro como ativo, forte e provedor, enquanto seu parceiro a reconheceria na arte dos cuidados com a casa, com ele e com os filhos, reproduzindo, assim, as dualidades ativo/passivo, racional/emocional que estão no centro da convencional divisão sexual do trabalho.

Em *Direito da liberdade*, Honneth busca sanar essa lacuna com sua proposta de reconstrução histórico-normativa das relações íntimas, constatando que o ideal romântico descrito por Hegel não estava completamente institucionalizado no casamento. Isso porque à época de Hegel ainda vigorava uma

⁶ Nancy Fraser (2003) critica Honneth por ele atrelar as lutas por reconhecimento à ideia de autorrealização baseado nas análises das teorias da psicologia social e da psicanálise. Ver Fraser e Honneth, 2003.

divisão de obrigações entre homens e mulheres baseada nos papéis fixos de gênero, bem como uma dupla moral que legitimava que os homens das classes privilegiadas tivessem sua satisfação sexual fora do casamento (a instituição “semioficial do concubinato”), enquanto eram proibidas as relações extraconjugais para as mulheres.

Honneth ressalta que as relações familiares e conjugais nos dias de hoje são muito diferentes das descritas por Hegel e que, provavelmente, só no século XX é possível se falar na constituição efetiva da esfera íntima, pois só então foram institucionalizados e democratizados padrões de intimidade para dar suporte às relações baseadas prioritariamente no desejo sexual e no afeto. Houve um longo processo de conflitos sociais e políticos para que fossem dadas às mulheres e às minorias sexuais as condições institucionais para o agir livre e autônomo nas relações íntimas.

A luta das mulheres e das minorias sexuais na década de 60 pela democratização dos princípios de liberdade e autonomia permitiu uma série de reformas em âmbito jurídico e cultural que ficaram conhecidas como “revolução sexual”. Honneth⁷ elenca alguns pontos centrais dessa revolução, a saber: a) legalização da contracepção graças ao surgimento da pílula anticoncepcional; b) supressão da proibição da homossexualidade na maioria dos países ocidentais; c) equiparação jurídica entre homens e mulheres e a gradual incorporação delas ao mercado de trabalho; d) crítica ao tabu em relação ao sexo antes e fora do casamento, permitindo a desvinculação entre sexo e casamento; e) questionamento dos papéis fixos de gênero nas esferas privada e pública resultando nas modificações de estilos de educação de crianças nas famílias e nas escolas. Com a democratização das relações entre os gêneros na esfera íntima e a crescente individualização, as relações na família abriram-se à negociação, tanto entre os casais, quanto entre pais e filhos. Só então foi possível, segundo Honneth, a institucionalização das “relações puras” baseadas exclusivamente nos laços de amor. Novos arranjos familiares reconfiguram os papéis sociais no âmbito da casa, tendendo a romper com os convencionais papéis de gênero.

A gradual desinstitucionalização da família nuclear como base das relações afetivas e sexuais e a abertura da intimidade afetivo-sexual para inclinações individuais, fundadas no reconhecimento recíproco, são alguns dos efeitos da revolução sexual. Esse processo de mudança de comportamento e de mentalidade foi sendo incorporado paulatinamente na vida cotidiana dos indivíduos. Como Honneth ressalta, “há alguns poucos anos começou a ganhar corpo a ideia de que os pares homossexuais viessem a ser aceitos na vida pública tanto quanto o das relações heterossexuais, e há bem pouco tempo passou a ser socialmente aceito que as mulheres, sem mal-

⁷ HONNETH, 2015, p. 262-263.

-entendidos nem subterfúgios, pudessem tomar a iniciativa com vistas a uma relação amorosa” (Honneth, 2015, p.264). Na verdade, as pesquisas sobre as relações de gênero em torno do amor ainda apontam contradições com relação às conquistas da revolução sexual que não podem ser percebidas satisfatoriamente pela reconstrução normativa feita por Honneth.

Os ideais e as obrigações morais que regem as interações amorosas estão, na maioria das vezes, inarticulados e implícitos nas relações, sendo identificados pelos indivíduos, com maior clareza, quando são violados. Ainda que haja normas jurídicas estabelecendo as obrigações entre os cônjuges na instituição do casamento, a eficácia das normas morais está para muito além da esfera jurídica. O reconhecimento afetivo ultrapassa de muito a esfera jurídica formal. O não-reconhecimento afetivo pode gerar sofrimentos que não podem ser compensados unicamente por medidas de proteção jurídica.

Se, de um lado, Honneth nota transformações significativas nas relações íntimas ao longo do século XX, por outro, ele afirma que as bases normativas do ideal romântico não mudaram nos últimos duzentos anos. Nas relações românticas, os amantes ainda esperam ser amados pelas características que consideram essenciais em suas identidades para a auto-compreensão positiva de cada um. Esperam ser apoiados, aconselhados e cuidados. Existe “uma obrigação implícita de sentir empatia recíproca para com o outro, para com os interesses do outro” (Honneth, 2015, p. 267). A projeção e antecipação do “futuro do nós” também constitui as bases normativas do ideal romântico e é o elemento que distingue as relações amorosas das casuais. É da projeção futura do amor que resultam muitos papéis e obrigações complementares que regulam as relações amorosas. Há a expectativa de que os amantes acompanharão o desenvolvimento da personalidade um do outro com total apoio, constituindo um “pacto de formação da memória” em comum, que deverá sobreviver às transformações de ambas as partes. A projeção do “futuro do nós” funciona como um elemento fortalecedor das relações amorosas.

Nessa reconstrução dos ideais românticos que regem as interações amorosas, Honneth desconsidera os estudos que tratam das dificuldades que as pessoas têm de diferenciar claramente as relações amorosas das casuais. Como assegura Eva Illouz (2012), há inúmeras dores provocadas pela indefinição com relação ao grau de comprometimento dos amantes entre si. A dificuldade dos casais projetarem um “futuro do nós” também é fonte de grande sofrimento psíquico.

Honneth também traça as distinções do reconhecimento nas relações de amizade, românticas e familiares, articulando a normatividade implícita existente nessas relações. A expectativa de poder contar com o apoio e aconselhamento do outro, em outras palavras, de sentir empatia recíproca

com o outro é comum tanto às relações de amizade quanto às amorosas. O que as distingue essencialmente é o desejo mútuo de intimidade sexual e física. A intimidade física diferencia os amantes dos amigos. A amizade é prioritariamente mediada pela comunicação verbal. A base da reciprocidade entre os amantes não é só ética, mas também física. O perder-se e achar-se no outro e com o outro pressupõe na interação amorosa uma confiança de que a intimidade física e sexual está baseada na satisfação de necessidades corporais essenciais para o bem-estar de cada um dos amantes. “Na confiança recíproca que permite a entrega do corpo ao outro sem medo de se expor, ou de se magoar” (HONNETH, 2015, p. 275), na qual “um se faz condição para a liberdade do outro à medida que ele se converte em fonte de uma autoexperiência corporal, em que a própria natureza se desfaz dos grilhões impostos pela sociedade, recuperando no outro parte de sua incoercibilidade original” (HONNETH, 2015, p. 275). Além disso, os gestos, sinais faciais e movimentos do corpo servem como indicadores de intimidade e de reconhecimento mútuo. As relações de amor não podem ser separadas dos “sentimentos físicos do cotidiano”.

Tomando as narrativas contemporâneas do cinema e da literatura sobre o amor como um indicativo do espírito do tempo, Honneth nota o predomínio do ceticismo com relação às possibilidades de autorrealização no amor. Essas narrativas destacam os desencontros, as dificuldades de vinculação e comprometimento dos amantes entre si, retratando um contexto de crise nos relacionamentos na atualidade. As estatísticas também podem apontar essa crise do amor nas sociedades complexas ocidentais — o aumento nas taxas de divórcios e dos conflitos entre casais, o crescimento dos lares compostos por pessoas solteiras, — enfim, há muitos relatos e algumas pesquisas sociológicas que diagnosticam o aumento da vulnerabilidade das relações íntimas em função da pouca disposição dos amantes para se comprometerem entre si.

Baseado nos estudos de Ann Swidler (1980) e Arlie Hochschild (2002), Honneth coloca como uma possível explicação para a crise do amor o “novo espírito do capitalismo”. No texto “Paradojas del capitalismo”, publicado no livro *Crítica del agravio moral* (2009), Martin Hartmann e Honneth discutem os paradoxos do capitalismo, chamando atenção para a especificidade do conceito de contradição que estão caracterizando como paradoxal. Uma contradição é paradoxal, segundo os autores, “quando precisamente com a realização que se pretende de tal propósito se reduz a probabilidade de realizá-lo⁸” (HARTMAN e HONNETH, 2009, p. 401). Um exemplo dado pelos autores dessa contradição é a incorporação feita pelo capitalismo

⁸ Todas as citações ao longo do texto foram traduzidas por mim.

flexível do ideal de autorrealização. Este ideal esteve no centro das lutas dos movimentos sociais na década de 60, sendo reapropriado pelo novo capitalismo – também chamado capitalismo de redes ou capitalismo flexível – para seus próprios fins como requisito para qualificação e exigência de atitude e está longe de realizar seu caráter emancipatório, promovendo o aumento qualitativo da liberdade individual na esfera do mercado. A autorrealização foi transformada em ideologia.

Na esfera do amor o ideal de autorrealização é desvirtuado à medida que os motivos egocêntricos de autorrealização ou de progresso individual se colocam cada vez mais como empecilhos para a criação de vínculos afetivos duradouros (HONNETH 2009 e 2015). Ann Swidler (1980) e Arlie Hochschild (2002) debatem, cada uma à sua maneira, os efeitos das exigências do capitalismo flexível para a criação de laços afetivos e adoção recíproca de determinadas obrigações de papéis na esfera íntima. Forçados a ser constantemente flexíveis, os indivíduos estariam cada vez menos capazes e dispostos a aceitar as dependências e obrigações associadas com a manutenção das relações íntimas.

Esse diagnóstico de “erosão das capacidades individuais de vinculação” apontaria para a impossibilidade de atualização do ideal romântico nas práticas sociais, comprometendo a produção e a reprodução de um tipo particular de liberdade através das interações amorosas. É isso afetaria a dinâmica da “eticidade formal democrática”, que depende da inter-relação das distintas formas de liberdade produzidas nas esferas sociais.

Como não possui estudos empíricos que permitam a identificação acurada das especificidades da crise no amor, Honneth sequer afirma categoricamente sua existência. Ao mesmo tempo em que apresenta os achados de algumas pesquisas que fazem esse diagnóstico, Honneth comenta que há outras análises que fazem uma leitura diversa dos aspectos que costumam ser vistos como elementos evidentes e objetivos para detectar tal crise. Essas leituras “positivas” interpretam os chamados problemas nos relacionamentos como meros ajustes que, inevitavelmente, acompanham o processo de institucionalização e democratização da “relação pura”. Os aumentos nas taxas de divórcio e no número de famílias monoparentais, por exemplo, podem ser vistos como indícios dos conflitos entre homens e mulheres para implementar nas relações afetivas o princípio da igualdade que já foi normativamente aceito.

Honneth percebe esses perigos da colonização da esfera do amor pelo mercado não dando “sinais de uma reincorporação do amor no contexto de reprodução da sociedade”, mas como “sintomas de uma erosão das capacidades individuais de vinculação” (HONNETH, 2015, p. 278). Portanto, mesmo quando trata dos problemas das relações íntimas, Honneth não atenta para as contradições envolvidas na própria institucionalização das

“relações puras”⁹ e seus efeitos na produção e reprodução de novas formas de dominação social. Tampouco reflete sobre as dores produzidas pelo ideal romântico em tempos de amores líquidos, parafraseando Zygmunt Bauman (2004), isto é, sobre os sofrimentos provocados pelas dificuldades dos indivíduos atualizarem em suas práticas amorosas os ideais românticos. Sendo assim, a reconstrução normativa da esfera do amor feita por Honneth ainda encontra limites significativos no que diz respeito ao seu alcance explicativo. Sua reconstrução normativa das relações afetivas pode ser criticada por idealizar a institucionalização das “relações puras”. Por isso, o diálogo crítico entre Honneth e Illouz me parece bastante profícuo para discutir os paradoxos da transformação da intimidade.

Em seu livro *Why love hurts* (2012), Illouz analisa os aspectos sociais e coletivos das dores de amor na modernidade tardia, argumentando que ao longo do século XX os(as) sociólogos(as) deixaram os conflitos amorosos serem tratados, prioritariamente, pela psicologia clínica. O problema das análises feitas pela psicologia clínica, segundo a autora, é que elas tendem a obscurecer as causas sociais que explicam os sofrimentos e os conflitos amorosos, dando ênfase excessiva aos aspectos ligados à psique humana. Além disso, ainda que a psicanálise tenha ressaltado as relações de dependência e autonomia na constituição de um *self* autônomo e livre, ao longo do século XX, o discurso terapêutico (ILLOUZ, 2008, 2011), que se popularizou no Ocidente, tende a difundir a ideia de que é possível consolidar individualmente o sentido de valor próprio.

Illouz (2008) analisa como se deu a popularização do discurso terapêutico nos Estados Unidos, que se coaduna com o discurso feminista, constituindo uma das mais poderosas matrizes culturais dos nossos dias. Sua tese é que

⁹ O conceito de “relacionamento puro” foi usado por Giddens (1993) para caracterizar as relações amorosas baseadas exclusivamente no sentimento de afeto, afinidades, interesses e necessidades dos amantes. As relações amorosas “puras” não são determinadas por padrões preestabelecidos, sendo os indivíduos constantemente chamados a negociar e renegociar opções de estilo de vida numa relação. Giddens e Honneth percebem o potencial emancipatório do amor romântico, desenvolvido nos séculos XVIII e XIX, para as mulheres. Ambos acreditam que o ideal de amor romântico abriu caminho para as “relações puras”. Apesar da interpretação de Giddens (1993) sobre a “transformação da intimidade” ter ficado bastante conhecida e seja possível identificar alguns pontos em comum em sua análise e na reconstrução normativa das relações íntimas feita por Honneth, neste texto não é meu objetivo discutir o trabalho de Giddens. Agradeço a Rosinha Carrion por ter me perguntado sobre a semelhança entre as abordagens de Giddens e Honneth sobre o amor romântico, chamando a minha atenção para a necessidade de explicitá-la nesta nota de rodapé.

o discurso terapêutico baseado no método racional de autoexame, que toma o *self*, a vida interior e as emoções como objeto de investigação profunda ganha o coração e a mente das pessoas porque oferece ferramentas para homens e mulheres lidarem com os novos conflitos e incertezas em relação aos papéis sociais e às novas demandas de reconhecimento gerados pela revolução sexual nas esferas pública e privada.

Voltar-se para dentro, conhecer a si mesmo passa a ser um elemento essencial na busca pela autorrealização e superação dos sofrimentos. A necessidade de reformulação do Eu na busca por autorrealização está no centro das preocupações do discurso terapêutico que, ao se institucionalizar, também cria uma categorização sobre a doença, a derrota, a neurose, a normalidade e a patologia. A popularização do discurso terapêutico, segundo Illouz (2008), ocorre de diversas formas. Diferentes instituições fazem uso desse discurso com distintos fins, permitindo que ele seja incorporado na vida das pessoas comuns não como resultado de uma lógica concertada e simétrica, mas atendendo a objetivos distintos dependendo da instituição que se apropria dele. A indústria editorial através de seus livros de autoajuda e revistas femininas, os programas de *talk show* na TV, os grupos de autoajuda (alcoólicos anônimos, mulheres que amam demais etc.) se apropriaram e difundiram, cada um à sua forma, o discurso terapêutico, convocando seu público a se libertar dos grilhões emocionais através de uma busca constante do entendimento do Eu interior.

Se, em *Saving the modern soul* (2008), Illouz afirma que os fios que ligam as narrativas do sofrimento e da autoajuda são múltiplos e ambíguos, podendo servir tanto a fins emancipatórios quanto a fins de dominação social, em *Why love hurts*, a autora mostra como o discurso terapêutico legitima culturalmente a dominação emocional masculina no mercado afetivo-sexual. O valor da autonomia individual é ressaltado nas abordagens da psicologia, sendo reconfirmado pela ideia de que o indivíduo a adquire quando consegue compreender o papel do passado em suas ações e disposições no presente. Grosso modo, a psicologia acaba afirmando que a autoestima é, antes de tudo, um problema do *self* consigo mesmo, podendo ser construída individualmente. O problema, segundo Illouz, é que essa visão da psicologia legitima o discurso cultural e moral dominante nos dias de hoje que coloca a autonomia se sobrepondo ao reconhecimento, apresentando-se como empecilho para as demandas por reconhecimento nas relações íntimas, especialmente para as mulheres.

Tanto Honneth quanto Illouz enxergam o reconhecimento como um processo ininterrupto de confirmação e reconfirmação da valorização positiva dos indivíduos nas diversas esferas de ação social. No entanto, há distinções importantes entre as abordagens de Honneth e Illouz no que diz respeito ao reconhecimento na esfera do amor. Ao contrário de Honneth que chama atenção para os perigos da colonização do amor pelo mercado,

Illouz diagnostica uma tensão intrínseca à própria esfera amorosa entre autonomia e reconhecimento.

Illouz (2012) afirma que, na modernidade tardia, o reconhecimento na esfera do amor se transforma em uma das fontes primordiais de constituição e mensuração do valor social dos indivíduos. À medida que, nas relações amorosas, o reconhecimento de classe perde importância para o reconhecimento do *self* expressivo e autêntico, a esfera do amor ganha maior relevância para a definição do valor social dos indivíduos.

A tese defendida pela autora é que na pré-modernidade e na era vitoriana os atores sociais contavam com mecanismos, rituais e signos mais “objetivos” para se avaliarem e avaliarem os outros. Na modernidade tardia, o valor social não é mais um resultado direto do *status* socioeconômico, mas deve derivar da performance do *self* nas distintas interações sociais. Ou seja, o valor social dos indivíduos torna-se cada vez mais dependente de seu desempenho performativo nas relações sociais. Para captar o imaginário romântico, as expectativas, vivências, dores e frustrações em torno do amor, Illouz (2012) recorre aos romances, especialmente os de Jane Austen. No século XIX, o reconhecimento baseado na endogamia de classe na era vitoriana estava no centro das interações amorosas dos indivíduos das classes dominantes. Os rituais e signos para a prática de cortejar uma mulher, por exemplo, deixavam mais claras que nos dias atuais as intenções dos amantes e o não cumprimento das obrigações envolvidas nesse tipo de relação social ocasionava uma forte reprovação moral.

Com a crescente valorização do *self* expressivo e autêntico na modernidade tardia, os atores sociais não dispõem mais desse sentido tão “objetivo” de seu valor social, sendo ampliada e aprofundada a relevância do reconhecimento na esfera do amor. Ainda que a endogamia de classes possa ser identificada nas interações amorosas, como muito bem mostrou Pierre Bourdieu (2008), não é mais legítimo declará-la como critério de escolha do(a) parceiro(a) nas relações amorosas na modernidade tardia. Com as novas demandas por afinidade e compatibilidade sexual, emocional, psicológica, cultural e de estilo de vida nas relações amorosas, abrem-se novos espaços para a negociação do valor individual através dos laços românticos.

Na interpretação de Illouz, vivemos numa época na qual o valor social dos indivíduos é mais incerto e se encontra sujeito a um processo constante de negociação, renegociação e reafirmação. A desvinculação do amor das convenções sociais transformou o laço romântico num espaço de negociação constante do valor individual. O valor social não se estabelece de antemão nas relações e requer uma constante confirmação, que depende do bom desempenho dos indivíduos nas interações. Nessa leitura, o processo de democratização das relações íntimas também teria produzido

paradoxalmente uma maior “vulnerabilidade do *self* moderno¹⁰”. Para além dos ganhos envolvidos no individualismo reflexivo, para usar a terminologia de Ulrich Beck e Anthony Giddens (2012), Illouz assinala o aumento da “insegurança e da incerteza ontológicas” em relação ao valor próprio. “No individualismo contemporâneo o que se encontra em jogo é a dificuldade para estabelecer nosso valor como pessoas, (...) aumentou em grande medida a pressão sobre os indivíduos para diferenciarem-se uns dos outros, serem únicos” (ILLOUZ, 2012, p. 120).

Para defender sua tese de que o amor passa a ser um elemento essencial na produção e mensuração do valor social dos indivíduos, Illouz recorre a Émile Durkheim, Randall Collins e Erving Goffman, autores que defendem que as interações sociais funcionam como produtoras de energias emocionais, que ligam e separam as pessoas. O objetivo das relações sociais, segundo os autores, seria maximizar as energias emocionais. Collins afirma que a energia emocional produzida na esfera pessoal pode ser transposta para outras esferas inclusive a econômica, constituindo um capital. Illouz argumenta que “o que Collins denomina de energia emocional, na realidade, é um efeito do reconhecimento materializado adequadamente.” (ILLOUZ, 2012, p. 120). O amor é o elo central na produção de valor próprio porque constitui, segundo Illouz, a maneira mais intensa e completa de produzir energia emocional. Em suas pesquisas com homens e mulheres de classes média e alta nos Estados Unidos, Illouz pôde constatar que o amor pode ser tanto fonte de empoderamento¹¹, quanto de angústia e ansiedade para homens e mulheres¹².

Ao mesmo tempo que a esfera do amor passa a ser essencial na avaliação feita pelos indivíduos sobre seu valor próprio, o reconhecimento nessa esfera torna-se mais frágil e incerto na modernidade tardia. Ainda que existam padrões sociais e culturais que definam, em alguma medida, o que é um(a) parceiro(a) desejável, esses padrões se ligam a outros de natureza mais subjetiva como afinidades sexuais, emocionais, psicológicas etc., estando, portanto, vinculados a um altíssimo grau de individualização. Se, , quando surgiu o amor romântico, a declaração do interesse de

¹⁰ Em seu livro *Hard-Core Romance: Fifty Shades of Grey, Best-Sellers, and Society* (2014), Illouz apresenta uma explicação sobre o sucesso de vendas da trilogia *Cinquenta tons de cinza*, na qual confirma o diagnóstico de maior vulnerabilidade do *self* nas interações amorosas feito em *Why love hurts*. Longe de inovar no que diz respeito às narrativas eróticas voltadas para as mulheres, como é comumente explicado o sucesso do livro, Illouz atribui ao fato de que sua narrativa concilia os velhos e os novos padrões de relacionamento, oferecendo uma solução simbólica para lidar com os conflitos inerentes às “relações puras”. Ver entrevista dada pela autora sobre seu livro ao jornal *Frankfurter Allgemeine* “Ein Gespräch mit Eva Illouz – Ist Sadomasochismus die Lösung?” — <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/bilder-und-zeiten/interview/ein-gespraech-mit-eva-illouz-ist-sadomasochismus-die-loesung-12239460.html>

¹¹ ILLOUZ, 2012, p. 120-121 apresenta relatos de mulheres que se sentiram empoderadas por terem vivido histórias românticas, mesmo que fugazes.

¹² São vários os relatos de pessoas que demonstraram ter seu sentimento de valor próprio aniquilado pelo término de uma relação amorosa (ILLOUZ, 2012, p. 122-130).

homens e mulheres em comprometer-se em um relacionamento amoroso era explicitada no ato de cortejar uma mulher, na atualidade, homens e mulheres devem comportar-se como se não desejassem o compromisso *a priori*. A intenção de comprometer-se deve ser uma conquista e não um pré-requisito da conquista.

Paradoxos da transformação da intimidade

Em suas pesquisas com homens e mulheres de classes média e alta, Illouz (2012) notou que eles e elas tendem a desvalorizar as obrigações e normas morais envolvidas no compromisso em função do ideal de *self* autônomo, enxergando a promessa de comprometimento afetivo como um limite à liberdade individual. A relação amorosa é vista pelos (as) entrevistados (as) de Illouz como resultado de uma série de emoções que se sente e se transmite ao outro livremente, não devendo estar baseada numa estrutura moral rígida do compromisso sob pena de colocar em xeque a própria autonomia e a autonomia do outro. No compromisso existe o perigo de forçar a outra pessoa a realizar uma eleição que não está baseada exclusivamente nas emoções e na espontaneidade. As emoções aqui são vistas como contrárias à razão, ainda que o cálculo e a racionalidade estejam sempre presentes nas relações amorosas¹³.

E é aqui que Illouz mostra as contradições da autonomia, ao diagnosticar a existência de uma dominação emocional masculina no mercado afetivo-sexual. A relação pensada por Hegel entre autonomia e reconhecimento (ILLOUZ, 2012) é rompida e invertida nas interações afetivas nos dias de hoje. O contexto de maior igualdade não propiciou um aumento da

¹³ Em vez de ser um refúgio para a espontaneidade, sendo a “maior força irracional da vida” como afirmou Weber (1982), o amor, nos dias de hoje, é bastante racionalizado (ILLOUZ, 1997, 2011 e 2012). A sensação de abundância de opções reais ou imaginárias no mercado afetivo-sexual que o uso da internet e dos sites de relacionamento produz, induz modificações cognitivas importantes na formação de emoções românticas, no processo de escolha do(a) parceiro(a) e na avaliação dos relacionamentos (ILLOUZ, 2011 e 2012). Frente à grande quantidade de opções, o desejo se baseia num cálculo mais refinado do que está em jogo na escolha de um (a) parceiro(a). A racionalização do amor foi fortemente estimulada pela “cultura terapêutica”, pelo feminismo e pelos sites de relacionamento da internet que encorajam, cada um a seu modo, o autoexame na busca pela autonomia individual, uma maior clareza sobre nossas emoções e sentimentos. O desejo se apoia em certas formas de introspecção e autoindagação altamente cognitivas. Ao contrário do que se possa esperar, essas técnicas de busca de informação tão racionais, tão bem exemplificadas nos sites de relacionamento, não facilitam o processo de escolha, mas o tornam mais complexo. A formulação de motivos e a análise dos diferentes aspectos da personalidade do(a) pretendente diminuem a intensidade das emoções. Sem falar que comprometem o julgamento prático e intuitivo dos indivíduos nas interações românticas. Vários exemplos dos efeitos dessa racionalização são dados por Illouz (2012, p. 90-97).

autonomia e do reconhecimento, como imaginava Hegel. Ao contrário, a autonomia se sobrepôs às demandas por reconhecimento de necessidades, desejos e carências na esfera íntima. Para a autora, ainda que homens e mulheres sejam dependentes do reconhecimento na esfera do amor, as mulheres são mais dependentes dele do que os homens.

Longe de explicar a maior dependência das mulheres do reconhecimento na esfera do amor como resquício de uma cultura patriarcal, Illouz vai percebê-la como efeito do advento do capitalismo. Sua tese é que o capitalismo provocou uma assimetria no modelo sentimental e sexual entre homens e mulheres. Com o advento do capitalismo, o *status* social dos homens e a identidade masculina passam a estar ligados, prioritariamente, à esfera pública. Enquanto nas sociedades pré-modernas tanto homens quanto mulheres tinham interesse em casar-se e ter filhos – a família constituía o instrumento de sobrevivência social e econômica para ambos –, nas sociedades capitalistas esse interesse passa a ser, acima de tudo, feminino (ILLOUZ, 2012).

Mesmo que a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho também envolva uma mudança relevante de valores – as mulheres podem ter filhos solteiras; acumular experiências sexuais, separando sexo de envolvimento afetivo tal como os homens fizeram; escolher constituir família ou não – elas ainda tendem mais do que os homens a procurar conciliar envolvimento sexual com envolvimento afetivo.

No século XX houve, segundo Illouz, uma reorganização das relações de gênero em torno do amor sendo o campo sexual¹⁴ fonte, por excelência, de valor social para os homens, enquanto para as mulheres seu valor social estaria mais ligado ao amor e ao compromisso mais intenso e imediato. O maior interesse masculino pela sexualidade livre, descomprometida e casual é explicado por Illouz (2012) em função da importância que o campo sexual tem para o *status* social dos homens. “Porque os homens são mais diretamente dependentes do mercado para sua sobrevivência econômica do que do casamento e porque eles não são, ou são menos ligados ao imperativo do reconhecimento romântico, eles usam a sexualidade como fonte de *status* (...)” (ILLOUZ, 2012, p. 243).

Além disso, com a entrada das mulheres na esfera pública ocorreu o rompimento com a velha separação entre os mundos público e privado,

¹⁴ Com o surgimento do campo sexual na modernidade como um campo em que a sexualidade passa a ser uma dimensão autônoma nas relações afetivas, os atores sociais estão envolvidos num trabalho incessante de avaliação das outras pessoas no mercado afetivo-sexual. A competição entre os atores no campo sexual se dá em três sentidos: “competem por parceiros (as) sexuais mais desejáveis; competem para determinar quem acumula mais parceiros (as); competem na exibição de suas próprias proezas sexuais e de sua sensualidade (ILLOUZ, 2012, p. 242-243).

na qual os homens eram responsáveis pelo ganha-pão e as mulheres pelos cuidados com a casa e com os filhos. Consequentemente, houve uma diminuição significativa do poder masculino na esfera pública¹⁵, o que não significa dizer que a dominação masculina tenha desaparecido no mercado de trabalho, mas que ela ganhou novas nuances e gradações. Em função disso, o campo sexual passa a ter grande relevância na mensuração do valor social para os homens, que nele competem com voracidade.

As mulheres, por sua vez, ainda que tenham conquistado uma maior igualdade que os homens nas esferas pública e privada, ainda lutam pela equidade de gênero e pela sua emancipação, tendo ainda o casamento e a família um papel bastante significativo na identidade feminina. Sendo assim, as mulheres competem entre si no mercado matrimonial, enquanto os homens competem no campo sexual (ILLOUZ, 2012). As mulheres, especialmente as interessadas no casamento e na maternidade, “viveriam com uma maior ansiedade de não encontrar um companheiro, enquanto os homens teriam mais tempo biológica e culturalmente para se envolver afetivamente com alguém¹⁶”. Além disso, “o *status social* masculino hoje em dia depende muito mais do seu desempenho no mercado de trabalho do que da constituição de uma família com filhos” (ILLOUZ, 2012, p. 243). Mesmo que seja possível notar a diminuição significativa das desigualdades de gênero na esfera pública, as mulheres ainda têm menos possibilidades de reconhecimento nessa esfera que os homens.

Essa assimetria no mercado afetivo-sexual coloca os homens em melhor posição que as mulheres para definir os termos do reconhecimento e do compromisso na interação afetiva, possuindo também maior capacidade de exercer seu poder de escolha, limitando as opções das mulheres no mercado afetivo-sexual. As mulheres, por sua vez, adotam, muitas vezes, posturas e estratégias que em vez de questionar os termos e valores dominantes, acabam por confirmá-los e legitimá-los, reproduzindo, assim, toda a violência simbólica ao usar os padrões e disposições masculinos para pensar, sentir, agir e julgar a si mesmas e aos outros.

O domínio emocional masculino toma a forma de um ideal de autonomia que na esfera privada reprime as necessidades e desejos femininos de reconhecimento. Uma estratégia bastante comum usada pelas mulheres no mercado afetivo-sexual é não solicitar dos homens uma declaração explícita do seu envolvimento e comprometimento na relação, a despeito de seu anseio que eles declarem o seu comprometimento, fidelidade e

¹⁵ As pesquisas indicam (ILLOUZ, 2012, p.108-109) um aumento significativo na escolaridade das mulheres, enquanto a escolaridade dos homens vêm aumentando em ritmo muito mais lento, ao mesmo tempo em que a capacidade salarial dos homens diminui em relação à das mulheres.

¹⁶ Ver entrevista dada por Illouz ao jornal El País – http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427384053_822164.html

reconheçam a especialidade da relação. Algumas mulheres entrevistadas por Illouz afirmaram que não demandavam dos homens uma definição da relação com receio de que eles as considerassem excessivamente inseguras, carentes e se desinteressassem por elas. Outras contaram que não demandavam o reconhecimento para não comprometer a autonomia de escolha do parceiro.¹⁷

Em suma, as mulheres recalcam seu anseio por reconhecimento para supostamente não comprometer nem a própria autonomia, nem a autonomia do parceiro. Com isso, agem de forma passiva, tendo suas ações determinadas pelo que elas creem ser as exigências para uma ação livre e autônoma. Assim, a autonomia se transforma em renúncia ao próprio desejo e, portanto, ausência de liberdade. O ideal de autonomia é deturpado. Pode-se notar que há um desvio do ideal romântico, na medida em que a relação deixa de ser compreendida como estando baseada no reconhecimento mútuo de necessidades, desejos, carências e inseguranças para atender, antes de tudo, às aspirações masculinas. Essa deturpação caracterizaria o que Honneth chama de patologia social.

Para Illouz (2012), os homens internalizaram e colocaram o discurso da autonomia em prática de modo mais efetivo que as mulheres. Ainda que as lutas feministas na esfera pública tenham ressaltado a importância da garantia da autonomia, a transposição desse ideal da vida pública para a vida privada é carregada de tensões e contradições para as mulheres.

As liberdades sexual e emocional conquistadas pelas mulheres geraram também novas formas de sofrimento e desigualdades de gênero. Apesar de a revolução sexual ter sido percebida como uma conquista significativa das mulheres no exercício de uma sexualidade livre e autônoma, desconectada da reprodução e baseada no prazer, existem diferenças significativas entre homens e mulheres no que diz respeito à sexualidade que produzem e reproduzem uma dominação emocional masculina no mercado afetivo-sexual. Mulheres tendem a ter maior dificuldade que os homens em separar sexo de envolvimento emocional, jogando, com frequência, um jogo cujas regras não permitem o exercício pleno de seu desejo. Illouz (2012) acredita que o feminismo não se deu conta, em toda a sua extensão, que a luta pela liberdade sexual para as mulheres pode ser, na verdade, a consagração de um modelo masculino de sexualidade.

Mostrar as “contradições paradoxais”, para usar o vocabulário de Hartmann e Honneth (2009), do ideal de autonomia na esfera íntima e da concepção de sexualidade livre, como faz Illouz, nos oferece um novo horizonte para a reflexão mais aprofundada sobre o processo de transformação da intimidade. Problematizar os paradoxos de conquistas históricas nos dá novos elementos para identificar, com maior precisão, as patologias sociais, ideologias e técnicas de dominação que impedem que nas instituições e

¹⁷ Ver ILLOUZ (2012, p. 130-142).

práticas sociais se realizem as específicas formas de liberdade. Acredito que a articulação entre teoria e empiria seja o caminho mais promissor para detectar as patologias sociais, diminuindo o risco, sempre presente nas teorias com ênfase normativa, de se fazer um diagnóstico idealizado do mundo social. Assim, se realizaria efetivamente o propósito de Honneth.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia*. Rio de Janeiro: Ed. Azougue, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo/Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2008.
- BRINK, Bert van den & OWEN, David. *Recognition and power: Axel Honneth and the tradition of critical social theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- COSTA, Sérgio. “Amores fáceis. Romantismo e consumo na modernidade tardia”. *Novos Estudos*, 73, 2005, p. 111-124.
- FRASER, Nancy & HONNETH, Axel. *Redistribution or recognition? A political-philosophical exchange*. London/New York: Verso, 2003.
- FROMM, Erich. *The art of loving*. 4 ed. New York: Harper Collins Publishers, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.
- GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. *Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- HARTMANN, Martin; HONNETH, Axel. “Paradojas del capitalismo”. In: Honneth, Axel. *Crítica del agravio moral. Patologías de la sociedad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica: Universidad Autónoma Metropolitana, 2009.
- HEGEL, Georg W.F. *Princípios de filosofia do direito*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.
- HOCHSCHILD, Arlie. *Keine Zeit. Wenn die Firma zum Zuhause wird und zu Hause nur Arbeit wartet*. VS Verlag: Wiesbaden, 2002.
- HONNETH, Axel. *Direito da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- _____. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- _____. *The critique of power: reflective stages in a Critical Social Theory*. Cambridge/London: The MIT Press, 1997.
- ILLOUZ, Eva. “A sexualidade é inevitável: hoje o sexo precede o amor”. A socióloga propõe uma surpreendente leitura de Cinquenta tons de Cinza: entrevista. [30 de março, 2015] Madri, *El País*. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427384053_822164.html> Acesso em 18. fev. 2016.

_____. *Hard-Core Romance: Fifty Shades of Grey, Best-Sellers, and Society*. Chicago: The University of Chicago Press, 2014.

_____. Ist Sadomasochismus die Lösung? Ein Gespräch mit Eva Illouz: entrevista. [22 de junho, 2013] Frankfurt, *Frankfurter Allgemeine*. Entrevista concedida a Johanna Adorján. Disponível em

<http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/bilder-und-zeiten/interview/ein-gespraech-mit-eva-illouz-ist-sadomasochismus-die-loesung-12239460.html> Acesso em 18.fev.2016.

_____. *Why love hurts*. Cambridge: Polity Press, 2012.

_____. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. *Saving the modern soul. Therapy, emotions, and the culture of self-help*. Berkely and Los Angeles: University of California Press, 2008.

_____. *Consuming the romantic utopia. Love and the cultural contradictions of capitalism*. Berkely, Los Angeles: University of California Press, 1997.

MADUREIRA, Miriam M.S. Introdução. In: Honneth, Axel. *Crítica del agravio moral. Patologías de la sociedad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica: Universidad Autónoma Metropolitana, 2009. 63, 2004.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8ª ed. São Paulo: Editora LTC, 1999.

MATTOS, Patrícia. *A sociologia política do reconhecimento. As contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser*. São Paulo: Ed. Annablume, 2006.

_____. "Reconhecimento: entre justiça e identidade". *Lua Nova*, n. 63, 2004, p. 143-161.

SWIDLER, Ann. "Love and Adulthood in American Culture", in: SMELSER, Neil J.; ERIKSON, Erik H. (orgs.). *Themes of Work and Love in Adulthood*. Cambridge/Mass., 1980.

WEBER, Max. "Rejeições religiosas do mundo e suas direções". In: Gerth, H.H. e Mills, Wright (orgs.). *Ensaio de sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

WERLE, Denilson Luis. "Reconhecimento e emancipação. A Teoria Crítica de Axel Honneth." *Revista Mente e cérebro*, n. 8, 2009, p. 49-57.

YOUNG, Iris. "Recognition of love's labor: considering Axel Honneth's feminism", in: BRINK, Bert van den & OWEN (orgs.), David. *Recognition and power: Axel Honneth and the tradition of critical social theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

Endereço da Autora:

Av. Tiradentes, n. 500, caixa postal 165

36.307-970 São João del Rei – MG

pamattos@uol.com.br